

POR DENTRO DO THEATRO MUNICIPAL

Revista de
Comunicação
Interna

Foto: Stig de Lavor

EDIÇÃO 03 – ABR 2023

COMPLEXO TMSP

3	Notícias
4	Entrevista
11	Informes
14	Programação

NOTÍCIAS



Projetos especiais movimentam o Complexo Theatro Municipal!

Rima Falada, Samba de Sexta e O Espetacular Encontro Entre o Baile de Favela, a Música Eletrônica e a Música Clássica no Municipal, agitaram o CTMSP em março! No dia 10/03, na Praça das Artes, tivemos a estreia do Samba de Sexta, programa mensal, que trará alguns dos mais populares grupos de samba do estado de São Paulo. A primeira roda foi tocada pelo grupo Samba da Vela, comunidade fundada em 2000 pelos sambistas Chapinha, Paquera, Magnu Sousa e Maurilio de Oliveira.

Um dia depois, 11/03, Evandro Fioti, músico, produtor musical e irmão do Emicida, um dos maiores nomes do rap nacional,

que protagonizou um dos shows mais marcantes do Theatro Municipal, veio estreitar o evento Rima Falada, cuja proposta é trazer importantes nomes do Hip-Hop nacional, propondo bate-papos seguidos de pocket shows no espaço do Salão Nobre, com entrada gratuita.

Por fim, mas não menos importante, tivemos O Espetacular Encontro Entre o Baile de Favela, a Música Eletrônica e a Música Clássica no Municipal. O baile aconteceu na escadaria externa do TM com e contou com a participação de VJ Mole, Nelson D, Deekapz, Lyarah Live, DJ Lys Ventura, Lyarah Live e DJ Andy, além de um público incrível de 1.500 pessoas!

MUNICIPAL ENTREVISTA MILLY

A guardiã da
escrita da música



Foto: Stig de Lavor

Se o Theatro Municipal fosse uma engenhoca, Maria Elisa Pasqualini, a Milly, gerente da Musicoteca do Complexo desde janeiro de 2012, com certeza seria uma das engrenagens principais. Num reino em que a música é a língua falada e escrita, ela, com mais de três décadas de experiência com acervos musicológicos, é a guardiã, ao lado de sua equipe de nove músicos-escritas, do entra e sai da biblioteca da casa. Mestre em musicologia, em sua invejável trajetória profissional passou por acervos como o do Centro Cultural São Paulo (CCSP) até a criação do Centro de Documentação Musical da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), com a qual viajou em diversas turnês pelo mundo. Organização, planejamento e quilômetros de páginas prestes a virar música são a base do seu dia a dia superdesafiador, sobre o qual conversou um pouco conosco.



Milly, conte um pouquinho sobre sua formação profissional e o que levou você para esse lugar.

Meus pais eram de coral. Comecei no piano aos 6 anos e nunca me senti muito pianista. Eu gostava mesmo de grupo, música de câmara, mais gente. Quando terminei o conservatório, presuntei educação artística com habilitação em música. Vim do interior e comecei a assistir às aulas da tarde na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em composição e regência, e aí me encontrei, começou de fato a se abrir a coisa da pesquisa, da regência, da musicologia. Já no segundo ano de faculdade fui convidada para reger o coro da Unesp, que tinha vários coros nos campi, e fui para o de Presidente Prudente, onde durante nove anos regí um coro cênico, algo inédito na época para a região. Foi um sucesso. Eu ia toda semana para lá e, mesmo depois de terminar a faculdade, continuava regendo, além de dar aula e pesquisar. Comecei a dar aula na Universidade Livre de Música (ULM) e no primeiro ano depois que me formei fui trabalhar na discoteca Oneyda Alvarenga, que é a única biblioteca pública de partituras – fica no Centro Cultural São Paulo. Durante um bom tempo, eu fui a única musicista dentro da discoteca, formada por uma equipe grande de bibliotecários e um acervo maravilhoso. Fiquei lá 12 anos. E foi aí a minha primeira coisa com acervo, com organizar arquivo de orquestra. De lá, eu saí convidada para a Osesp, que estava recém-estruturada. Me convidaram para participar de um processo seletivo que na verdade, eu nem sabia do que eu

estava participando. Me pediram o currículo, eu dei; fiz uma entrevista e passei por uma sequência de outras entrevistas. Assim, fui convidada para montar o Centro de Documentação Musical da Osesp. Fui em todas as turnês da Osesp durante 12 anos: Europa, Estados Unidos e América Latina, revezando a cada ano. Foi quando comecei a ter oportunidade de conhecer arquivos de orquestra fora daqui.

Tem algo, se comparar, que aqui é melhor?

Tem. Eu fui para a Orquestra de Chicago – fiquei lá para ver como funcionava –, fui para a Orquestra de Paris, comecei a participar de duas instituições internacionais de arquivistas de orquestra, uma americana e uma europeia, ia aos congressos duas vezes por ano... E a grande sacada era que a gente fazia diferente, mas não fazia pior. O jeito que a gente estava implantando na Osesp, que é basicamente o que diferencia. O Brasil é muito malvisto internacionalmente porque pirateia tudo, e na Osesp havia a questão de ser tudo feito legalmente e começamos a ganhar confiança das editoras. Hoje já tem vários lugares no Brasil que foram nesse mesmo caminho. As histórias são diferentes, mas não temos o mesmo recurso financeiro e de equipamentos. Eu fui pro Metropolitan, por exemplo, e tudo lá gira em torno do artístico. Aqui é o contrário. Às vezes, perdemos horas resolvendo questões de campos que dão erro dentro do sistema administrativo, um tempo em que deveríamos

estar trabalhando nas nossas bolinhas (aponta para a nota na partitura). Nós não temos muitas vezes a mesma estrutura, mas também não fazemos pior.

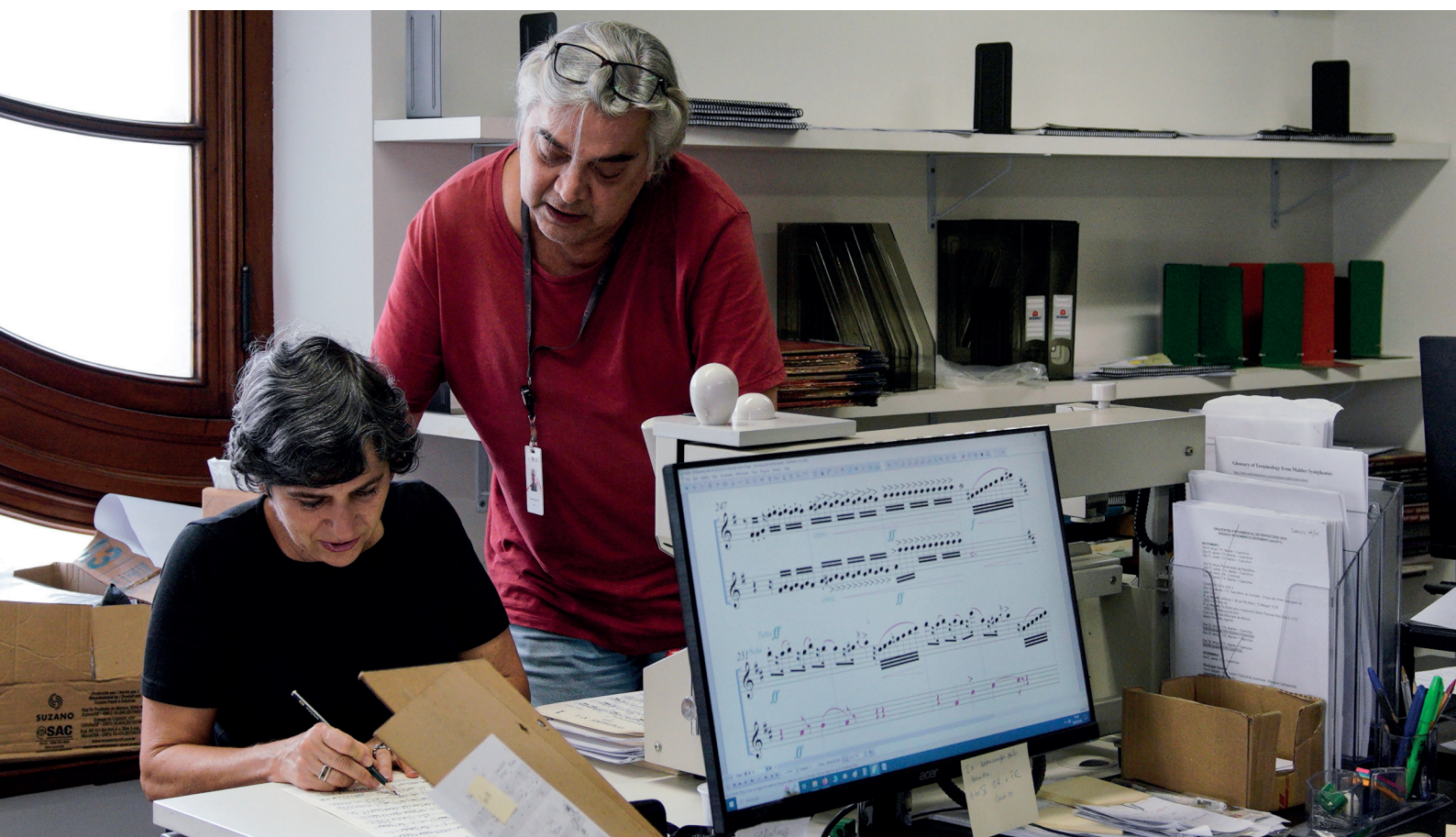
Tem algum exemplo de algo que mostre como isso se materializa?

Existe uma máquina que chama VPC, que encaderna. A fita dessa máquina é supercara, só tem importada. Quando estive na Osesp comprei uma dessas e trouxe na mala e comprei um monte das fitas, cheguei aqui e comecei a fazer testes... Mas é aquilo: a fita não pode ser comprada aos montes, ela resseca, é caríssima, em dólar. Passei, então, a usar micropore, que compro na farmácia. Mostrei isso em um dos congressos – já tem um monte de orquestras usando micropore para encadernar as várias folhas e formar uma lombada. É uma inspiração que trouxe de um material de restauração dos bibliotecários. E o me-

lhor é que, mesmo depois de vencido, ainda pode ser usado para nós. A gente vai adaptando. Mas o pensamento que vem de cima que faz o negócio funcionar. A falta de continuidade de administrações é um desafio que nos faz ter de nos adaptar. Lá fora eles têm um planejamento que eu invejo: o Metropolitan sabe tudo que vai tocar em 2026.

É um eterno lidar com pressão?

Sim. De músico, que precisa estudar e, para isso, precisa saber o que vai tocar. Eu quero disponibilizar, que eles estudem, mas é um desafio. Porque é um dominó. Eles exigem que 60 dias antes de tocar a gente dê a partitura para o spalla (primeiro violino da orquestra). Mas nem sempre temos essas partituras em mãos e há muitas questões burocráticas e operacionais para que as coisas cheguem no prazo.



Como é um dia de trabalho seu?

Nosso trabalho é conseguir partituras para todos os corpos artísticos em tempo hábil para que eles consigam se preparar, estudar, cuidar do concerto. Essas partituras podem ser compradas, alugadas ou nós as temos em casa, como as sinfonias de Beethoven, que já tocamos várias vezes – temos três versões dessas partituras. Mas pode ser que o maestro tenha uma quarta, então eu não vou ter. Pode ser que uma editora tenha feito uma revisão, com uma articulação, uma respiração diferente de alguma frase, e ele quer essa. Então vamos ter que alugar ou comprar, e isso demora muito mais. Então vem todo o planejamento de quando é o primeiro ensaio, quanto tempo levo para importar. Nosso calendário acontece sempre de trás pra frente.

São muitos e-mails, em muitas línguas, muitos telefonemas?

Sim. E basicamente tratamos com editoras na Alemanha, na França, nos Estados Unidos, na Argentina, alguns em Portugal. E os representantes para a América Latina, com quem lidamos, pedem antecedência, sempre. Muitas vezes precisamos de seis meses para iniciar uma negociação.

Milly, qual a principal diferença entre como sua profissão era feita antes e como ela é feita agora? Além dos aspectos tecnológicos, a relação com o tempo também mudou?

Sim. Alguns músicos e pessoal do administrativo nos questionam por que não está tudo em pdf, que facilitaria. Mas esbarra em questões legais, de direito autoral sob pena de processo. Perguntam por que não pode tocar com o tablet, que já viram tocar na igreja. Mas já aconteceu, durante o período da pandemia, que a solista da orquestra, pianista, usou um tablet especializado para música de piano, o Gvido. No meio do concerto, o tablet dela travou e ela precisou parar e pegar a partitura de papel.

Em que consiste o trabalho que vocês fazem nas partituras quando elas chegam?

Há 30 anos, quando na Musicoteca os funcionários, todos com muita boa vontade, mas não músicos, pegavam o pacote de partituras, do jeito que chegava ia direto para a estante. Nós, hoje, fazemos cópias, mandamos a cópia “suja” para que os músicos estudem do jeito que veio e limpamos o material que veio – gastamos caixas e caixas de borracha! –, para deixar mais apresentável, anotar as coisas deles. Mas a rapidez é garantida, ele já está estudando do jeito que veio. E, logo mais, vai ter um material mais limpo, que vai facilitar mais a vida dele.



Nossa, o trabalho de vocês é um artesanato!

Sim, completo. A gente leva mais de 400 horas para preparar um material de ópera. O *Così*, que teve sua estreia agora, a gente começou a preparar material para poder marcar os arcos. Uma parte de violoncelo de *Così* tem mais de 80 páginas, violino mais ainda. A gente tem de marcar arco a lápis um por um (mostra uma partitura indicando onde é marcado o lugar em que os arcos dos violinos são sincronizados. Pergunto se é como, no cinema, a claquete, que ajusta som e imagem, e ela diz que é como se fosse, mas com uma claquete por nota). Na véspera de Ano-Novo veio uma lista de cortes, e a gente fez uma máscara para o músico saber o que não tocar, em vez de um grande risco (para a leitura fluir melhor).

É um lugar ingrato no sentido de que, se tudo der certo, ninguém vai saber que você existe, né?

Não acho ingrato, para mim é superlegal. Melhorar a vida do músico e, consequentemente, a qualidade do espetáculo. O ensaio já é uma coisa superlegal, com obras que a gente nunca tocou, já é uma baita emoção. Você sabe que você participou de cada nota que está ali. O nosso trabalho é deixar aquele momento mais leve, porque música precisa de alma, precisa de leveza. Vai fluir muito melhor porque a gente pôs o dedo ali.

Tem algum músico que você afirma, com 100% de certeza, que reconheceu esse trabalho minucioso?

Tem, vários. Mas um que acabou de me escrever foi um que acabou de sair, o Breno, trompetista. Tocou aqui por mais de 30 anos, era funcionário público. Acabou de sair para ir para algum projeto da prefeitura e mandou uma baita mensagem superlegal para a gente. Uma vez ele me mostrou um lápis minúsculo que guardou de souvenir, era da década de 1970, que ele usou para ajudar a vir marcar arco. Tem outro que traz bolo todo final de ano para agradecer o ano em que todos ajudaram. É bem bonito. Mas tem muitos que não sabem.



Teve algum estresse que vocês viveram muito de véspera?

Ah, teve uma vez que um maestro, há muitos anos, chegou no ensaio com uma edição diferente da que tinha na orquestra. E era intransponível, ele ia fazer com a edição dele. Então, eu chamei até uma pessoa que estava de férias para vir ajudar. Viramos a noite fazendo o material e demos conta de todas as adaptações. Por isso que hoje, mesmo depois de perguntar, eu pergunto mais umas três vezes, para ver se é a versão correta mesmo (das partituras alugadas ou compradas).

Milly, como fazer as pessoas conhecerem e entenderem sua profissão?

Nós temos três universidades públicas: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As três têm curso de música, todas de alto nível. E elas jogam no mercado 30 compositores, 40 regentes, 25 músicos que não têm espaço pra tocar. Então, abrir a cabeça para uma profissão que é de músicos, não necessariamente no holofote, tem sido um grande desafio. Fui convidada a dar um curso em janeiro na oficina de Curitiba, foi superlegal. Doze pessoas que nunca tiveram essa formação – porque nenhuma das faculdades tem matéria sobre como fazer arquivo. Então estamos vendo se conseguimos criar uma disciplina, porque cada teatro do país precisa desse departamento.

INFORMES

Editais de Criação Coreográfica – Complexo Theatro Municipal de São Paulo

A Sustenidos Organização Social de Cultura, gestora do Complexo Theatro Municipal de São Paulo torna público este edital para a seleção de 1 (um) projeto de Criação Coreográfica que tem por finalidade apoiar coreógrafos(as) sediados(as) ou domiciliados(as) na cidade de São Paulo e que tenham por objeto a criação coreográfica e realização de espetáculo de dança e/ou performance a ser interpretada pelo elenco do Balé da Cidade de São Paulo. A proposta é estimular criadores(as) que ainda não tenham obras assinadas no repertório da companhia a desenvolver projeto que irá compor a programação de 2023 do Theatro Municipal de São Paulo.

Valor para o Projeto: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)

Período de inscrição: De 22/3/2023 até 21/4/2023

[ACESSE AQUI O EDITAL COMPLETO](#)

[INSCREVA-SE ATRAVÉS DO FORMULÁRIO](#)

[ACESSE AQUI O MODELO DE PLANILHA ORÇAMENTÁRIA](#)

Afastamentos e Atestados Médicos

- » Os atestados e declarações médicas deverão ser encaminhadas ao RH em até 72 horas da emissão do documento.
- » Os afastamentos médicos de até 15 dias serão pagos pela instituição. Em caso de afastamento de período superior, o INSS pagará o auxílio doença conforme regras do plano de benefícios da previdência social e a instituição complementar o benefício por até 90 dias, limitando-se ao valor da contribuição previdenciária.
- » O empregado também poderá ausentar-se para acompanhamento do seu filho ou filha, menor de 15 anos. O afastamento poderá ocorrer até duas vezes ao ano, por até 15 dias, mediante atestado de acompanhante em nome do empregado.
- » A realização de exames ou procedimentos médicos agendados devem ocorrer preferencialmente fora do horário de trabalho ou acordadas previamente com o gestor imediato.



Parabéns aos aniversariantes de março, toda saúde e felicidades para vocês!

- 4 - Anibal Marques** - Cenotécnica
- 4 - Leonardo da Conceição silveira** - Balé da Cidade de São Paulo
- 5 - André Fontainha Ficarelli** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 7 - Emiliano Brescacin** - Sonorização
- 8 - Leandro dos Santos Lima** - Sonorização
- 9 - André Felipe Costa Santa Rosa Lima** - Comunicação
- 9 - Carlos Eduardo de Almeida** - TI e Sistemas
- 10 - Geralda Cristina Franca da Conceição** - Figurino
- 10 - Guilherme Dias de Oliveira** - Comunicação
- 10 - Hannah Beatriz Zanotto** - Formação, Acervo e Memória
- 12 - Luiz Felipe Valente Crepaldi** - Balé da Cidade de São Paulo
- 12 - Roberta Guimarães Faury** - Coro Lírico
- 14 - Sandra Mara de Paula Felix** - Coro Lírico
- 16 - João Pedro de Goes Moura** - Infraestrutura e Patrimônio
- 16 - Lidia Schaffer** - Coro Lírico
- 16 - Luiz Ricardo Serralheiro** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 16 - Silvana de Nazare Monteiro Ferreira** - Coral Paulistano
- 17 - Bruno Silva Farias** - Coro Lírico
- 17 - Carolina Franco Cavalheiro** - Balé da Cidade de São Paulo
- 19 - Renato Carlos Nogueira Figueiredo** - Coral Paulistano
- 21 - Aymee Elisa Alcantara Ferreira Wentz** - Coral Paulistano
- 21 - Fernando de Castro Ferreira** - Coro Lírico
- 24 - Edilson da Silva Quina** - Cenotécnica
- 24 - Thiago Ricardo de Araújo** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 26 - Margarete Cristina Loureiro** - Coro Lírico
- 27 - Edson Silva dos Santos** - Formação, Acervo e Memória
- 28 - Laryssa Alvarazi Moraes** - Coro Lírico
- 28 - Roberto Fabel Braga** - Coro Lírico
- 30 - Ana Beatriz Rodrigues de Paula** - Formação, Acervo e Memória

IMPORTANTE

Você que é representado pelo Senalba, tem direito a Folga Aniversário no mês do seu aniversário! Lembre-se de combinar com o seu gestor o melhor dia para aproveitar e comemorar o seu dia!

A cláusula décima sexta do acordo coletivo 2022/2023 prevê que: "O(a) empregado(a) fará jus a um dia de folga abonada no mês do seu aniversário, em data a ser combinada com o(a) gestor(a) da área".

Aproveite!

PROGRAMAÇÃO



CORAL
PAULISTANO

ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

PAIXÃO SEGUNDO SÃO JOÃO – ARVO PÄRT

ABR 2023
7 sexta 20h
8 sábado 17h

Durante a Semana Santa, o Coral Paulistano se junta à Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência de Maira Ferreira, em duas novas apresentações da *Paixão Segundo São João – Arvo Pärt*. A obra, com a temática da Paixão de Cristo, celebrará a Páscoa na Sala de Espetáculos do Theatro Municipal.

INGRESSOS
R\$12-64

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

QUARTETO
DE CORDAS
DA CIDADE
DE SÃO PAULO

OS DÓS

ABR 2023
13 quinta 20h

O Quarteto da Cidade apresenta mais duas obras de Ludwig Van Beethoven, dando continuidade ao Ciclo da Integral dos quartetos do compositor. Serão executados o *Quarteto Op.18, nº 4* e o *Quarteto Op.59, Razumovsky nº 3*.

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
70 minutos

PRAÇA DAS
ARTES – SALA DO
CONSERVATÓRIO



ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

NO TOPO DA MÚSICA SINFONIA ALPINA

ABR 2023
14 sexta 20h
15 sábado 17h

A Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência de Roberto Minczuk, apresenta *Sinfonia Alpina, Op. 64*. O poema sinfônico de Richard Wagner descreve as etapas do percurso de viajante subindo os Alpes bávaros, num ciclo de 22 seções que vai de uma noite a um anoitecer. Também serão apresentados o prelúdio da ópera *Lohengrin*, de Richard Wagner, *Lontano*, de György Ligeti, e *Rapsódia sobre um Tema de Paganini*, de Sergei Rachmaninoff.

O pianista Pablo Rossi é o solista convidado deste concerto.

INGRESSOS
R\$12-64

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

SAMBA DE SEXTA BATE FUNDO

ABR 2023
14 sexta 19h

O Grêmio Recreativo Movimento de Resistência Cultural (G.R.M.R.C.) Bate Fundo é uma iniciativa de manifestação cultural aplicada ao resgate e à preservação do samba brasileiro. Idealizado, fundado e presidido pelo músico Francis Gabriel, o Bate Fundo respalda-se pela autenticidade do ritmo e contém a essência e a originalidade na maneira de compor e cantar. O projeto Samba de Sexta traz para a Praça das Artes rodas de samba com os principais grupos da cidade de São Paulo.

GRATUITO

classificação
indicativa **livre**

PRAÇA DAS ARTES –
VÃO LIVRE



ORQUESTRA
EXPERIMENTAL
DE REPERTÓRIO

BERLIOZ

ABR 2023
16 domingo 11h

Sobre a regência de Guilherme Rocha, o mais novo maestro da Orquestra Experimental de Repertório, o concerto trará para a Sala de Espetáculos do Theatro Municipal a *Sinfonia Fantástica*, Op. 14, do compositor francês Hector Berlioz.

INGRESSOS
R\$12-32

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

QUARTETO
DE CORDAS
DA CIDADE
DE SÃO PAULO

PIANISTAS DO BRASIL

ABR 2023
27 quinta **20h**

O Quarteto da Cidade volta à Sala do Conservatório para apresentar *Iara e Jaci*, do compositor Francisco Mignone e o *Quinteto em Fá Menor*, de Ottorino Respighi.

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
70 minutos

PRAÇA DAS
ARTES – SALA DO
CONSERVATÓRIO



ORQUESTRA
EXPERIMENTAL
DE REPERTÓRIO

CAMERATA

ABR 2023
29 sábado **17h**

A Orquestra Experimental de Repertório vem para a Sala de Espetáculos apresentar sua tradicional Camerata, a primeira Camerata de 2023.

GRATUITO
(Retirada de ingressos
pelo site)

PRAÇA DAS ARTES -
ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA

OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

ABR 2023
28 sexta 20h

Luis Llaneza já se apresentou em salas de concerto e teatros dos cinco continentes. Seu repertório inclui ópera, oratório e uma dedicação especial à música espanhola e latino-americana, interpretando obras de prestigiados compositores contemporâneos. Venha se emocionar com este concerto especial, que também contará com a participação do pianista Anderson Brenner.

INGRESSOS
R\$50

PRAÇA DAS
ARTES – SALA DO
CONSERVATÓRIO

LUIS LLANEZA
barítono

ANDERSON BRENNER
piano



ANARQUESTRA LIBERTA-SOM

com **MARCOS FREITAS**
e **LOUISE PROL**

De todas as experiências da vida humana, fazer música é, sem dúvida, uma das mais prazerosas! A música é praticamente inerente à existência humana. Em qualquer lugar do mundo, existe alguma forma de manifestação sonora e/ou de expressão musical, seja específica e original ou apropriada e adaptada de outras culturas. Hoje em dia, mais que no passado, é muito difícil definir o que é ou não é música, mas muito mais difícil é dizer em que momento o “fazer som” passa a ser considerado “fazer música”. O projeto Anarquestra Liberta-Som, por meio de oficinas, apresentações, caminhadas e brincadeiras, conduzirá o público por surpreendentes experiências musicais e sonoras.

INAUGURAÇÃO DO PARQUE SONORO

Composto de diversos painéis, carrilhões, objetos, instrumentos e esculturas sonoras onde os participantes poderão experimentar sons, brincar e criar música.

ABR
1 sábado 14h30
para todas as idades
PRAÇA DAS ARTES

OFICINA O SOM DA SUCATA

Nas oficinas O Som da Sucata, os participantes farão caminhadas no entorno do Theatro Municipal para coletar objetos descartados que serão utilizados na construção de instrumentos musicais. Os participantes poderão também levar seus próprios materiais, já coletados em sua casa ou bairro.

ABR
8, 15 e 29 sábado
14h30 às 17h30
para todas as idades

inscrições de 6 a 31 de março
pelo nosso site
theatromunicipal.org.br
SALA DE EXPOSIÇÕES
DA PRAÇA DAS ARTES

COMUNICAÇÃO

Coordenadora

Elisabete Machado Soares dos Santos

Assessoria de imprensa

André Santa Rosa Lima

Laila Abou Mahmoud

Audiovisual

Larissa Lima da Paz

Stig de Lavor

Comunicação interna

Guilherme Dias

Conteúdo

Beatriz de Castro Ramos

Design

Karoline Marques

Winnie Affonso

Digital e redes sociais

Gustavo Quevedo

Tatiane de Sá

Aprendiz

Francielli Perpétuo

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Produção de Conteúdo

Guilherme Dias

Design

Karoline Marques

Fotos

Stig de Lavor

Entrevista

Laila Abou Mahmoud

Revisão

Ciça Corrêa

